

FEDE estuda fórmula para atender deficientes

CORREIO BRAZILIENSE

23 MAR 1989

A grande procura por matrículas nas escolas da Fundação Educacional, em detrimento da rede particular de ensino, acabou por reduzir as vagas destinadas a alunos com deficiência auditiva. Além disto, a falta de preparo dos professores da rede oficial para lidar com as crianças excepcionais acabou por gerar um impasse na Escola-Parque da 314 Sul, que deixou de atender crianças deficientes ainda não integradas ao ensino regular.

A diretora do Ensino Especial da FEDF, Erenice Natália Soares de Carvalho, explicou estar em negociação com a escola: "Houve uma precipitação dos pais ao fazerem a denúncia pelos jornais". Segundo ela, o diretor Márcio Rossi não quis inviabilizar a integração dos deficientes auditivos no curso regular. O que ocorre, de acordo com Erenice, é um total despreparo dos professores para lidar com os alunos deficientes: "Muitos deles, inclusive, se mostraram temerosos".

Outro fator que prejudica a integração da criança surda são as turmas muito grandes. A diretora disse que o aluno excepcional exige uma maior atenção, pois nem sempre consegue fazer leitura labial. Já no próximo dia 10 haverá uma reunião entre a Diretoria de Ensino Especial e a Diretoria da Escola-Parque da 314 Sul para estudar alternativas de atendimento dos excepcionais.

Para preparar os professores, Erenice afirmou que a FEDF promoverá seminários. No caso específico da 314 Sul, Erenice informou que aguarda que a escola apresente o horário de disponibilidade dos professores para treinamento com visitas a atender os alunos do ensino especial. Ela explica que o problema é de difícil a curto prazo, uma vez que a preparação dos professores só começará este ano.

INTEGRAÇÃO

A rede oficial de ensino atendeu no ano passado a 370 crianças com deficiência, em 13 escolas com classes especiais onde os alunos recebem treinamento auditivo (no caso de o estudante ainda dispor de audição), linguagem e ritmo da fala. Além disto, têm acompanhamento acadêmico e pedagógico.

Marlene Gotti, encarregada de atendimento dos deficientes auditivos, explicou que eles fazem o curso regular e o curso especial, o que os leva a ficar na escola praticamente todo o dia. "O que se quer evitar, é a discriminação em relação a estes alunos, integrando-os à sociedade. Para isto é fundamental a manutenção deles em cursos regulares com crianças normais".

Marlene disse que há orientação dentro da fundação para que haja pelo menos um aluno deficiente em cada sala de aula,

o que nem sempre é possível. Ela afirmou que algumas turmas abrigam dois ou mais deficientes auditivos, e às vezes o estudante "normal" fica prejudicado, pois o professor não tem condições de atender a todos. "Nós não queremos ninguém prejudicado".

São cerca de 800 profissionais, entre professores, psicólogos e fonoaudiólogos, fazendo acompanhamento durante todo o ano letivo, dos deficientes. Nas escolas com estes alunos, alguns profissionais mantêm frequência de pelo menos duas vezes por semana para observar e orientar o professor e o aluno. Nas escolas onde há classes especiais, o professor que cuida exclusivamente dos excepcionais exerce dupla função: a de complementar o ensino do deficiente e de orientar o professor no ensino regular.

Marlene aponta como principal problema do atraso nos estudos dos deficientes, o fato de eles só começarem a receber treinamentos aos seis, e até sete anos de idade. Segundo ela, quando constatada a deficiência da criança, é fundamental que os pais iniciem o tratamento imediatamente. Marlene disse que existem exercícios para crianças com menos de um ano, aplicados nas escolas de rede oficial. "Se estimulada desde cedo, a criança encontra muito menos dificuldades para acompanhar o ano letivo quando começa a alfabetização".